



Ano 6, Vol 6, Núm. 1, jan-jun, 2025, pág. 183-199.

Revitalização da Língua Murapirahã em Aldeias Indígenas do Rio Urubu, Município de Itacoatiara-AM/Brasil – Desafios

Revitalización de la Lengua Murapirahã en Aldeas Indígenas del Río Urubu, Municipio de Itacoatiara-AM/Brasil - Retos

Hely Brasil do Nascimento¹
Alcioni da Silva Monteiro²
Leiciane da Silva Seabra³
Suely Mascarenhas⁴

RESUMO

Este estudo tem como foco a importância da revitalização da língua Murapirahã, também conhecida como Pirarrã ou Apaitsiiso ("aquilo que sai da cabeça" na língua nativa). Os Pirahã, descendentes diretos dos Mura, possuem um idioma fascinante e único, que se assemelha ao povo Mura. A língua do povo Pirahã é considerada parte da cultura material devido à sua organização social e compleição física. Os Pirahã vivem às margens do rio Maici, afluente do rio Madeira, na Amazônia, e o povo Mura, na aldeia Correnteza Mura, no rio Urubu-AM. Este povo tem um sistema de comunicação bem elaborado, intimamente ligado às suas tradições e costumes, onde recebem seu primeiro nome ainda no ventre materno, pois acreditam que as mães são as criadoras de seus corpos. Durante suas vidas, recebem nomes de seres que habitam os degraus inferiores do espaço cósmico, bem como nomes relacionados à criação da alma, destino e potenciais inimigos. Fortalecer e revitalizar a língua de origem dos povos é, sem dúvida, uma oportunidade para a valorização e respeito aos povos originários. Além disso, possibilita o desenvolvimento de livros paradidáticos e outros materiais que dão suporte a educação escolar indígena, revitalizando a identidade desses povos através da linguagem. Assim, a língua pode ser reinserida na aldeia, permitindo que os Mura conheçam e valorizem seu passado antes da interferência linguística externa.

Palavras chaves: Povo Mura; língua Murapirahã; revitalização; educação escolar.

RESUMEN

Este estudio se centra en la importancia de revitalizar la lengua Murapirahã, también conocida como Pirarrã o Apaitsiiso (lo que sale de la cabeza" en la lengua nativa). Los Pirahã, descendientes directos de los Mura, tienen un lenguaje fascinante y único, que se asemeja al pueblo Mura. La lengua del pueblo Pirahã es considerada parte de la cultura intangible debido a su organización social y físico. Los Pirahã viven en las márgenes del río Maici, afluente del río Madeira, en la Amazonia, y el pueblo Mura, en la aldea de Correnteza Mura, en el río Urubu-AM. Estas personas tienen un sistema de comunicación bien diseñado, muy ligado a sus tradiciones y costumbres, donde reciben su nombre de pila cuando aún están en el vientre materno, ya que creen que las madres son las creadoras de sus cuerpos. Durante sus vidas, reciben el nombre de seres que habitan los peldaños inferiores del espacio cósmico, así como nombres relacionados con la creación del alma, el destino y los enemigos potenciales. Fortalecer y revitalizar la

¹ Mestrando UFAM-PPGE. E-mail: h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com

² Doutoranda UFAM- PPGE.E-mail: alcionimonteiro@hotmail.com

³ Mestranda UFAM-PPGE. E-mail: leicianeseabra.br@gmail.com

⁴ Profa. Dra. Docente UFAM atuando na graduação e pós graduação, orientadora. E-mail: suelyanm@ufam.edu.br



lengua de origen de los pueblos es, sin duda, una oportunidad para valorar y respetar a los pueblos originarios. Además, posibilita la elaboración de libros paradidáticos y otros materiales que apoyen la educación escolar indígena, revitalizando la identidad y la conciencia de la existencia de estos pueblos a través del lenguaje. De este modo, la lengua puede ser reinsertada en la aldea, permitiendo a los Mura conocer, honrar y valorar su pasado ante las interferencias lingüísticas externas.

Palabras clave: Pueblo Mura; Lengua Murapirahã; revitalización; Educación escolar.

INTRODUÇÃO

O povo Pirahã, conhecido por sua rica cultura e modo de vida único, reside nas proximidades do rio Maici, um afluente do rio Madeira, na Amazônia. Eles são renomados por sua língua Murapirahã, também conhecida como Pirarrã ou Apaitsiiso, que significa "aquilo que sai da cabeça". Esta língua é tonal e utiliza recursos suprasegmentais para comunicação oral, refletindo a complexidade de sua organização social e cultural.

De acordo com Everett (1983), os Pirahã possuem um sistema de comunicação que vai além da fala convencional, utilizando gritos para comunicação a longa distância, especialmente durante viagens de canoa, e assobios em expedições na mata ou no rio, onde a propagação da voz pode ser arriscada. Eles também têm a habilidade de "falar comendo", uma técnica que permite continuar a conversa enquanto mastigam, usando os sons produzidos pelo bater dos dentes.

De acordo com Nimuendajú (1948), os Pirahã recebem seus primeiros nomes ainda no ventre materno, acreditando que esses nomes são criadores de seus corpos. Durante suas vidas, recebem nomes de seres que habitam os degraus inferiores do espaço cósmico, além de nomes relacionados à criação da alma, destino e potenciais inimigos.

Habitantes das áreas ao longo do rio Marmelos e quase toda a extensão do rio Maici, no município de Humaitá, estado do Amazonas, os Pirahã vivem em uma região caracterizada por variações sazonais de seca e chuva, que influenciam significativamente sua ocupação. O rio Marmelos é largo, com águas pretas e margens cobertas por vegetação exuberante e árvores de grande porte, típicas dos igapós e da vegetação tropical da Amazônia.



Os Pirahã são descendentes diretos dos Mura e possuem uma língua semelhante. Nimuendajú (1948) descobriu a similaridade entre essas etnias, chamando a língua de Murapirahã. Desde então, a história desses grupos se entrelaçou, tornando-se comum pensar nos Pirahã como remanescentes modernos da antiga Nação Mura, habitantes das margens do Rio Madeira e seus afluentes (Nimuendajú, 1948; Rodrigues & Oliveira, 1977).

A língua Murapirahã é uma variante derivada do tronco linguístico Mura. O termo "Pirahã" é usado pelos habitantes da região do Maici e como auto-denominação dos próprios indígenas. Segundo Everett (1979, 1983, 1985, 1986), a língua é tonal, utilizando recursos suprasegmentais para estabelecer significados.

Assim, o povo Pirahã, com sua rica cultura e modo de vida único, é um exemplo notável de resiliência e preservação de tradições ancestrais na Amazônia. Reconhecer, compreender e valorizar a língua e as tradições dos Pirahã é essencial não apenas para a preservação de sua identidade cultural, mas também para a valorização do patrimônio indígena brasileiro como um todo. Esforços de revitalização e fortalecimento da língua Murapirahã são cruciais para assegurar que as futuras gerações dos Pirahã mantenham viva sua rica herança cultural e continuem a prosperar nas sociedades futuras.

Desafios para revitalização da língua Murapirahã em contexto de uma aldeia Mura no rio urubu, Itacoatiara-Amazonas/Brasil

A chegada de europeus ao Brasil em 1500 marcou o início de profundas transformações nas línguas indígenas existentes. Embora no contexto nacional se reconheça dezenas de idiomas originários, a “vergonha linguística” é uma realidade implantada se traduzindo em um desafio a superar. Segundo Aryon Rodrigues (1993; 2005), mais de 1.300 idiomas eram falados na região na época da colonização, mas muitos foram modificadas pela presença e ação dos colonizadores europeus. A imposição da língua europeia portuguesa foi um dos principais meios de catequização e dominação dos povos originários, visando difundir a religião católica e integrar os habitantes locais ao domínio da coroa portuguesa.



Esse processo de aculturação linguística resultou em mudanças significativas, consequência de um processo forçado, que impactaram diretamente na diversidade linguística e cultural das populações originárias. O legado desse encontro entre culturas é complexo, refletindo tanto a imposição de uma língua dominante quanto a resistência das comunidades indígenas em preservar suas línguas e tradições. A história da linguagem no Brasil é marcada por esse processo de contato e conflito linguístico, que continua a moldar a identidade e a diversidade linguística do país até os dias atuais.

Conforme Rodrigues (1977) e Roppa (1978), a reintrodução da língua Murapirahã para o grupo em estudo representa um marco na valorização da identidade e ancestralidade do povo Mura. Ao associar o ensino dessa língua à autodenominação do grupo, cria-se uma conexão profunda que resgata as raízes e tradições dessas comunidades, projetando um futuro fortalecido e enraizado em sua herança cultural. A língua Murapirahã se torna um elo fundamental para fortalecer a união e coesão do grupo, auxiliando na construção sólida de uma identidade ancestral. A introdução dessa língua no processo de ensino não apenas permite maior participação dos estudantes em sala de aula, mas também os envolve em um ambiente escolar atrativo e lúdico, motivando-os a desenvolver suas habilidades linguísticas.

Ao adotar a língua Murapirahã como recurso educativo, o professor enriquece sua prática pedagógica e amplia o potencial de expressão e aprendizagem dos estudantes. Conforme estabelecido pela legislação brasileira, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena é obrigatório nas escolas, destacando a importância da valorização da diversidade cultural e linguística presente no país. Sobre essa questão, Gonçalves (1990; 1988) evidencia a reintrodução da língua Murapirahã como a representação de um passo importante para a promoção da inclusão, valorização e preservação da rica herança cultural dos povos indígenas, contribuindo assim, para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa de suas raízes históricas.

A língua Murapirahã é um idioma ameaçado de extinção, e é fundamental ressaltar a importância de reintroduzi-lo na sociedade atual. Sua relevância vai além da preservação da língua em si, abrangendo as possibilidades que ela pode revelar, como conhecimentos na área da medicina. Através do estudo dessa língua, é possível



descobrir segredos relacionados ao uso de fármacos para a cura de diversas patologias. Esses conhecimentos podem ser valiosos no desenvolvimento de tratamentos eficazes e inovadores (Gonçalves, 1995).

Para promover a divulgação e valorização da língua Murapirahã, uma estratégia importante seria a produção de uma cartilha paradidática. Esse material poderia ser desenvolvido por meio de levantamento bibliográfico que considere não apenas o autor supracitado, mas também outros estudiosos que se dedicaram ao estudo da língua Murapirahã. Ao reunir essas informações em uma cartilha acessível, será possível disseminar o conhecimento sobre a língua Murapirahã entre estudantes, pesquisadores e demais interessados.

Essa iniciativa poderá contribuir para preservar esse patrimônio cultural valioso e abrindo novas perspectivas para pesquisas futuras em diversas áreas científicas. proporcionando maior entendimento das tradições culturais do povo Murapirahã e favorecendo a atuação para evitar sua extinção. Reconhecer a importância da reintrodução da língua Murapirahã no contexto atual é essencial. Ao valorizar seu conteúdo linguístico e explorar suas potencialidades nas mais variadas áreas do conhecimento humano, podemos garantir sua perpetuação para as gerações futuras enquanto enriquecemos nossa compreensão sobre as diversas facetas do mundo ao nosso redor.

Povo Mura

As primeiras informações sobre os Mura datam de 1714, quando o Padre Bartolomeu Rodrigues registrou que essa nação habitava a bacia do rio Madeira. Conforme Leite (1943), na mesma região, em diferentes pontos, também viviam os Torá e Onicorés. Os aldeamentos jesuítas no rio Madeira foram uma estratégia da colonização portuguesa que, ao longo do tempo, levaram ao desaparecimento e à descaracterização étnica de várias nações dessa região. Geograficamente, a relocação de várias etnias e sua concentração em locais específicos para formação de aldeamentos desconfigurou as tradições e costumes originais que formavam a raiz cultural dos povos



indígenas. A mistura de Iruris, Onicorés, Torás, Muras, Mundurukus, entre outros, reconfigurou suas identidades étnicas, transformando-os em tapuios.

Segundo Amoroso (1991), a missão jesuíta impunha os costumes dos colonizadores brancos, ignorando as tradições dos povos indígenas da Amazônia, que eram vistos apenas como força de trabalho. Os indígenas considerados dóceis eram destinados ao trabalho doméstico nos aldeamentos, enquanto aqueles que resistiam ao sistema colonial eram submetidos à chamada "guerra justa". Os interesses dos colonizadores eram variados, com a conversão ao Cristianismo sendo uma prioridade, além de transformar os aldeamentos em unidades de produção comerciáveis controladas pelos religiosos. Essa relação logo se tornou conflituosa devido aos interesses econômicos.

Um incidente que ilustra essa relação, como relata Daniel (1975), ocorreu quando um padre jesuíta fez um acordo para a migração de parte de uma aldeia do Madeira para o rio Jamary, prometendo mantimentos, tecidos e ferramentas para cultivar a terra até que tivessem suas próprias colheitas. No entanto, um comerciante português, ao saber do acordo, fingiu ser o emissário do missionário e convenceu os Mura a embarcar em uma grande embarcação, levando tantos quanto cabiam. Os Mura que não embarcaram esperaram notícias e, ao descobrir que seus parentes foram vendidos como escravos, revoltaram-se. Esse episódio marcou definitivamente a relação entre os Mura e os colonizadores, levando os Mura a resistirem ferozmente aos avanços coloniais, incluindo ataques a missões religiosas.

Durante esse período, os Mura ficaram conhecidos como “gentios de corso” devido à habilidade e velocidade com que atacavam povoações ao longo do rio Madeira. Esses ataques frequentes forçaram a transferência de aldeamentos, missões e vilas como Borba, no Madeira, e Serpa, no rio Abacaxi (SILVA, 1997; OLIVEIRA, 2007). Em 1759, a vila de Serpa foi transferida do Madeira para o Amazonas, em parte devido aos ataques dos Mura, que resistiam à presença lusitana.

Diante dessas conjunturas, Oliveira (1995) diz que as ações dos Mura não eram criminosas, mas sim uma resistência à instalação sistemática dos colonizadores portugueses, que se estabeleciam via núcleos missionários e posições militares em áreas



tradicionalmente indígenas. A localização estratégica de aldeias na foz de rios tributários permitia o controle da circulação dentro desses afluentes, um fator crítico para a Coroa portuguesa na arrecadação de impostos e controle do tráfego na bacia amazônica. A transferência da vila de Serpa era, portanto, uma estratégia para melhorar a eficiência de arrecadação e controle territorial.

Essas afirmações, segundo Rodrigues (1977 e 1875), reforça a evidência de posicionar o povoamento em locais específicos que viabilizassem a ocupação e, ao mesmo tempo, facilitassem a retenção tributária. Oliveira (2007) diz que, outro aspecto que deve ser considerado, especialmente para a transferência da vila de Serpa, era a pressão guerreira implacável a que eram submetidos os aldeados do rio Madeira pelas várias etnias da região, para os quais a resistência indígena Mura era algo insustentável, e a possibilidade de fuga para um outro lugar em vista do estabelecimento de um novo povoado era só uma questão de tempo, pois a persistência dos ataques causava depopulação e, conseqüentemente, boa parte do restante dos colonos fragilizados pressentia que era inadmissível a permanência nessa região.

A expansão territorial dos Mura na circunvizinhança de Itacoatiara, ocorreu no século XVIII quando chegaram as margens do rio Urubu. Nesse momento da história de ocupação, o Urubu já se encontrava muito despovoado em virtude dos confrontos e genocídio empreendido pela Coroa Portuguesa imposta aos indígenas, especialmente as etnias Caboquenas e Guanavenas. A primeira informação que comprova a ocupação do rio Urubu pelos indígenas Mura, foi o mapa da Comissão de Fronteiras que o percorreram em 1787. Mas coube a Barbosa Rodrigues as principais informações acerca da ocupação Mura no Urubu.

Rodrigues (1875) ressalta que, em um trecho da viagem de Barbosa Rodrigues ao Urubu, entrou no igarapé denominado Castanhal. Neste lugar, foi possível avistar uma maloca de índios Mura semicivilizados que fugiram ao contato com Barbosa Rodrigues, mas foram capturados pelos guardas que o acompanharam. Na caracterização da aldeia as casas eram de quatro esteios mal cobertos de palha onde redes em que dormiam, de fios de algodão de seis palmos de comprimento por quatro de largura estavam suspensas.



Nessa colocação, Gonçalves (1986) e Rodrigues (1977) salientam que, ao entrar no paraná de Arauat, Barbosa Rodrigues avistou algumas canoas de indígenas da etnia Mura, que estavam ataviados de pequenas roupas com pinturas de vermelho no corpo e se afastavam com a força dos remos para evitar qualquer contato. No rio Aneb, avistou vestígios de uma antiga aldeia maloca dos Mura. No decurso da viagem, Barbosa Rodrigues chegou a foz do igarapé Sangua, local onde existiu uma maloca. Esta maloca, denominada pelos Mura de Correnteza, situava-se em uma pequena ilha elevada, separada por um estreito curso d’gua.

De acordo com Rodrigues (1875 e Roppa (1978), os muras caracterizavam-se como nômade e produziam habitações muito precárias pois não se estabeleciam em definitivo em lugar algum. Viviam, pelos furos, margens de rios, errantes pelas matas. Ademais informa que os Mura estavam se miscigenando com os negros pois os cabelos crespos, barba cerrada e crespa, quase que geralmente, mostra que essa tribo desde tempos imemoriais, tem servido de refúgio a desertores e pretos fugidos, e que com o cruzamento destes, tem resultado nas modificações fisionômicas.

Ante ao processo dito “civilizatório que, oferecia apenas a alternativa do extermínio, aos Mura não houve outra alternativa senão resistir ao sistema colonial por séculos. Essa posição, contudo, resultou em um preço caro demais para essa etnia que tiveram depopulação acentuada, sendo forçados a se integrar à sociedade envolvente. A aculturação forçada resultou na perda de algumas das caracterizações culturais que distinguiam os Mura dos outros grupos étnicos. A expansão extrativista sobre as terras tradicionalmente de ocupação Mura, representou mais uma ameaça pelo não reconhecimento do direito de permanecer em sua região tradicional.

Características Marcantes: Transformações, Resistência e Revitalização Linguística

No contexto da história indígena da Amazônia, a presença dos Pirahã em registros históricos se torna evidente somente durante os séculos XIX e XX. De acordo com os estudos do etnólogo Nimuendajú (1982), em 1921, foi documentada a existência de uma aldeia Pirahã ao longo do rio Marmelos e outra na região inferior do rio Maici. Esses achados são corroborados por Levinho (1986), que observou que os Pirahã



habitavam essas áreas em pequenos grupos tribais, dispersos ao longo desses rios. Durante a estação das chuvas, estes grupos se dedicavam à coleta de castanhas e à exploração de outros recursos naturais, como parte de suas atividades econômicas tradicionais. Dados do IBGE de 2000 indicam que a população Pirahã somava cerca de 360 indivíduos, estabelecidos principalmente na região do Maici e suas proximidades, refletindo um aspecto da dinâmica demográfica e da distribuição geográfica desse povo indígena.

Características da Língua Murapirahã

Conforme Levinho (1986) e Nimuendajú (1982), as características da língua Murapirahã manifestam-se em diversos aspectos estruturais e culturais que destacam a complexidade e a singularidade deste idioma. Segundo Nimuendajú (1982), ela possui uma estrutura gramatical única com um sistema de tons crucial para o significado das palavras, destacando-se entre as línguas amazônicas por suas particularidades fonéticas e fonológicas. Levinho (1986) acrescenta que esta língua não apenas serve como meio de comunicação diária, mas também como um veículo para a transmissão de cultura, história e tradições orais do povo Pirahã.

Um ponto notável sobre a língua Murapirahã é que ela é considerada uma língua isolada, distinta da maioria das línguas indígenas amazônicas que pertencem a famílias linguísticas maiores. Isso significa que o Murapirahã não possui parentes próximos conhecidos, tornando sua história e evolução particularmente únicas e intrigantes para os linguistas. Além disso, o Murapirahã tem um número extremamente reduzido de fonemas, contando com apenas 9 consoantes (G,H,S,T,P, B) e 3 vogais (A, I, O), o que o torna uma das línguas com menor inventário fonético do mundo. A pronúncia de certos fonemas depende do sexo de quem fala, uma sétima consoante semelhante ao K, utilizada em alguns casos por homens. Tudo é expresso no presente. Sem palavras para expressar passado ou futuro.

Outra característica distintiva é a ausência de tempos verbais. Diferentemente do português e de muitas outras línguas, o Murapirahã não utiliza tempos verbais convencionais. A expressão do tempo é realizada através de outros mecanismos



linguísticos, como partículas e advérbios. Essa particularidade reflete a visão de mundo única do povo Pirahã, que se concentra no presente e nas experiências sensoriais imediatas, traduzindo-se na ausência de conceitos abstratos como futuro, passado, números e nomes.

Esses aspectos da língua Murapirahã, incluindo sua expressividade emocional e poética intensa, facilitam uma rica tradição oral que inclui mitos, contos e cantos essenciais para a identidade e coesão do grupo. Portanto, além de ser um meio de comunicação, a língua Murapirahã serve como um pilar central da identidade do povo Pirahã, integrando todos os aspectos de sua vida social, cultural e ambiental.

Por essas contextualizações, Levinho (1986) e Nimuendajú (1982), enfatizam a importância dos contextos social e ambiental em que esta língua é utilizada, observando como a língua se adapta e responde às necessidades específicas de comunicação e interação com o ambiente. Por exemplo, a língua inclui diversos termos específicos para a flora e fauna locais, assim como expressões que refletem as práticas de subsistência e as relações sociais dentro da comunidade.

Além disso, a língua Murapirahã é notável pela ausência de números e conceitos quantitativos exatos, o que, segundo Levinho, sublinha uma orientação cultural que valoriza o presente e a experiência imediata em detrimento de abstrações numéricas. Nimuendajú destaca também que a língua permite uma expressividade emocional e poética intensa, facilitando uma rica tradição oral que inclui mitos, contos e cantos que são fundamentais para a identidade e coesão do grupo.

Portanto, a língua Murapirahã não é apenas um meio de comunicação, mas um pilar central da identidade do povo Pirahã, integrando todos os aspectos de sua vida social, cultural e ambiental.

Situação e importância de revitalização da língua Murapirahã

A língua Murapirahã, falada pelo povo Pirahã na Amazônia brasileira, enfrenta desafios significativos que ameaçam sua continuidade. Com apenas cerca de 350 falantes, segundo dados recentes, esta língua está classificada como seriamente ameaçada de extinção. A influência dominante do português e a perda de falantes entre



as gerações mais jovens são as principais ameaças à sua sobrevivência. No entanto, conforme destacado por Roppa (1978) e Gonçalves (1995), o Murapirahã não é apenas uma língua, mas um elemento vital da identidade e do patrimônio cultural dos Pirahã.

A importância do Murapirahã transcende as fronteiras de sua comunidade falante. Como patrimônio cultural, esta língua é um tesouro inestimável não apenas para o Brasil, mas para o mundo inteiro, destacando a riqueza da diversidade linguística e cultural global. A preservação da língua Murapirahã é crucial não apenas para manter essa diversidade, mas também porque oferece uma janela única para a compreensão da mente humana e da natureza da linguagem, consolidando assim, a identidade humana, como argumenta Hall (2011). Sua estrutura única e as peculiares características linguísticas fornecem insights valiosos sobre como os humanos processam informações, pensam e se comunicam.

Diante desta situação, estão sendo empreendidos esforços significativos para revitalizar a língua Murapirahã. Essas iniciativas incluem a criação de materiais didáticos específicos, o desenvolvimento de programas de ensino bilíngue e a promoção da cultura Pirahã, conforme mencionado por Gonçalves (1995). Tais esforços são fundamentais não só para a sobrevivência da língua, mas também para a manutenção da identidade cultural do povo Pirahã.

Através da análise e promoção do Murapirahã, Roppa (1978) ressalta a necessidade de reconhecer e valorizar esta língua como um elo essencial para o entendimento das tradições e da cosmovisão Pirahã. Além disso, a integração da língua na educação e nas práticas diárias da comunidade é vista como uma estratégia vital para sua preservação e revitalização.

Dessa forma, a situação atual da língua Murapirahã, embora crítica, é também uma oportunidade para reafirmar a importância da diversidade linguística e cultural no Brasil e no mundo. Através de esforços conjuntos entre comunidades indígenas, linguistas e o governo, há esperança de que a língua Murapirahã não apenas sobreviva, mas também floresça, continuando a enriquecer o patrimônio cultural global e expandindo nosso entendimento sobre a linguagem humana.



ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS

Esta pesquisa de cunho documental, realizada abrigo do PPGE UFAM (mestrado e doutorado em educação) envolveu um meticuloso trabalho de campo para a coleta de informações bibliográficas sobre a língua Pirahã. Aborda as implicações epistemológicas do desenvolvimento da teoria chomskyana, refletindo sobre a importância de adotar uma perspectiva epistemológica que guiasse tanto a escolha teórica quanto as metodologias de coleta de dados em fontes bibliográficas.

Inspirada pelas contribuições de Nimuendajú (1948) e Oliveira (1986), esta pesquisa também buscou criar uma ponte entre a realidade observada e a análise teórica. A integração da teoria com a prática permitiu não apenas a geração de novos insights, mas também a identificação de lacunas no conhecimento existente sobre a língua Pirahã, incentivando a realização de futuras pesquisas.

Acerca dessas contextualizações, Nimuendajú (1948) e Oliveira (1986) enfatiza que, ao conectar diretamente as teorias de educação e cultura indígena com as práticas linguísticas dos Pirahã, o estudo enfatizou a necessidade de uma abordagem holística e respeitosa em pesquisas sobre linguística e etnografia. A pesquisa se propôs não apenas a documentar, mas também a valorizar a língua e cultura Pirahã, contribuindo para esforços mais amplos de preservação cultural e linguística.

Sobre isso, Santos (2012), Geertz (1978), e Brandão (2006) argumentam que a pesquisa sobre línguas e culturas indígenas deve ser abordada de maneira que respeite e valorize as particularidades dessas comunidades. Santos (2012) destaca a importância de uma educação escolar indígena que seja sensível às nuances culturais e linguísticas de cada povo, promovendo uma pedagogia que integra e respeita a identidade indígena. Isso é visto não apenas como um direito educacional, mas como um elemento crucial para a preservação e fortalecimento das culturas indígenas.

Geertz (1978), por sua vez, enfatiza a interpretação das culturas através de uma abordagem etnográfica densa, que procura entender os símbolos e significados que constituem a realidade social de um grupo. Para ele, a linguagem é um conjunto complexo de símbolos e significados que deve ser estudado em seu contexto, considerando as práticas culturais que definem e são definidas por ela. Este olhar



detalhado ajuda a revelar as camadas de significado que a linguagem carrega e como ela funciona dentro da comunidade.

Brandão (2006) complementa essas ideias ao discutir a educação como uma prática cultural extensiva, que transcende a sala de aula e se entrelaça com a vida comunitária e as práticas cotidianas. Para ele, aprender sobre a língua de um povo é também aprender sobre seus modos de vida, suas histórias e sua visão de mundo. A educação, neste sentido, deve ser um processo de diálogo e troca recíproca entre o educador e a comunidade indígena, onde ambos os lados aprendem e se transformam.

Juntos, esses autores fornecem uma base teórica robusta para a pesquisa linguística e cultural, insistindo que a abordagem deve ser uma que não apenas documente, mas também interprete e participe da realidade das comunidades estudadas. Eles argumentam que tal abordagem não só enriquece o entendimento acadêmico, mas também apoia as comunidades na luta pela manutenção de suas línguas e culturas frente às pressões externas e internas de mudança.

PERSPECTIVAS

A pesquisa desenvolvida ao longo deste estudo ressalta claramente a importância de revitalizar e reintroduzir a língua Murapirahã entre comunidades indígenas do rio Urubu, em Itacoatiara, Amazonas (Brasil). As informações coletadas representam um passo crucial no esforço de revitalização desta língua nas aldeias Muras, partindo do princípio de que ela constitui um elemento vital da tradição linguística desses povos, apesar do uso predominante do português atualmente. Diante desse contexto, a criação de livro paradidático ou de cartilha que reflita a expressão da língua Murapirahã, em harmonia com as tradições e a história do povo Mura torna-se uma proposta fundamental, saber se expressar de forma oral ou escrita em uma língua originários milenar é fator de orgulho e valor cultural importante para a sociedade em geral.

Saber se expressar e escrever em idiomas milenares originários é motivo de honra e orgulho. Saber se expressar e escrever em idiomas originários demonstra soberania cultural, resistência milenar por um lado, e estar isento de colonização



linguística. Por outro lado, em certa medida a existência de milhares de falantes, pensantes em idiomas milenares originários demonstra e evidencia o relativo fracasso do processo secular de tentativa de colonização por grupos hegemônicos de outros continentes que chegaram a esse espaço geográfico nomeado pelos originários como “Abya Yala”. A partir do século XVI da era comum, esse espaço geográfico passou a ser nomeado como “América” de forma “Oficial” por Estados Nacionais que tomaram a responsabilidade de governar as sociedades existentes e criar fronteiras desenhadas em mapas de papel.

Considerando que existem milhões de habitantes no ambiente amazônico continental que se comunicam em idiomas milenares como o Murapirahã e outras línguas originárias, é possível afirmar que a resistência ao processo de colonização plena fracassou. A resistência secular dos habitantes milenares do espaço geográfico comum, por sua força, cultura, valor e poder estão vencendo e mantendo suas culturas e línguas milenares. Por serem poucos os falantes de idiomas originários milenares, são considerados raros, logo, valiosos por serem, dentre os habitantes portadores de culturas, conceitos únicos de suas línguas e culturas milenares na atualidade, merecedores de serem reconhecidos e honrados pela resistência linguística cultural por séculos e a forte resistência na era comum, valorizando e vivenciando suas culturas milenares em suas comunidades.

Outras narrativas existem. Estão silenciadas. Existem. Têm suas Histórias Naturais silenciadas. Estão presente na realidade atual. São reais, naturais. Tentar ignorar de forma intencional, sistemática e organizada suas existências é uma tática de simplificação inexplicável e inaceitável, uma vergonha histórica incontornável que urge reparação. Eis o desafio.

A relação histórica entre os povos Pirahã e Mura é profundamente enraizada, sublinhando a relevância cultural e linguística que a reintrodução dessa língua pode oferecer para as gerações presentes e futuras. Embora o desafio de reativar a língua materna Murapirahã seja grande nos dias de hoje, esse esforço visa resgatar e preservar a cultura ancestral dos Mura do Urubu, que está em risco de extinção. Esse processo de revitalização não só protege a língua, mas também pode desvendar uma série de



conhecimentos tradicionais úteis, como, por exemplo, aplicações medicinais para tratar doenças que afetam a humanidade.

A produção de materiais educativos para a sociedade dos estudantes originários atuais, deve ser fundamentada não apenas na gramática bem elaborada, mas também em perspectivas que enriqueçam o entendimento da língua Murapirahã. Esta iniciativa busca clarificar suas regras gramaticais e fonéticas, enquanto aproveita os avanços da teoria linguística para traduzir e promover este rico patrimônio cultural e linguístico.

Ao investir em mais estudos e pesquisas, será possível expandir o conhecimento sistematizado sobre a língua Murapirahã, contribuindo significativamente para o enriquecimento cultural e educacional não apenas da comunidade indígena, mas de toda a sociedade. Assim, este estudo não apenas preserva um legado cultural precioso, mas também amplia nossa compreensão das capacidades linguísticas e culturais humanas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 47. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2006.

EVERETT, Daniel Leonard. **Aspectos da fonologia Pirahã**. Campinas: Unicamp, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira. **Nomes e cosmos: uma descrição da sociedade e da cosmologia Mura-Pirahã**. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional, 1988.

GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira. **Nomes e cosmos: onomástica entre os Mura-Pirahã**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 1990.

GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira. Nomes e cosmos: reflexões sobre a onomástica Mura-Pirahã. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **Amazônia: etnologia e história indígena**. São Paulo: USP-NHII; Fapesp, 1993. p. 339-364.



GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira. **O mundo inacabado: ação e criação em uma cosmologia amazônica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira. **Pirahã clitic doubling**. *Natural Languages and Linguistic Theory*, s.l., n. 4, p. 4, 1986.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. **Índios no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global; Brasília, s.d.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Mura and Piraha. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). **Handbook of South American Indians**. Washington: Smithsonian Institution, 1948.

OLIVEIRA, Adelia Engrácia de. Introdução. In: UNIVERSIDADE DO AMAZONAS. **Autos da devassa contra os índios Mura do rio Madeira e nações ro rio Tocantins (1738-1739)**. Manaus: FUA; Brasília: INL, 1986. p. 1-6.

RODRIGUES, Ivelise. **Alguns aspectos da ergologia Mura-Pirahã**. Boletim do MPEG: Série Antropologia, n. 65, 54 p., 1977.

ROPPA, Saviano. Os Mura-Pirahã. **Arq. Inst. Anatomia e Antropologia do Inst. de Antropologia Souza Marques**, Rio de Janeiro: Instituto de Antropologia Souza Marques, n. 3, p. 411-433, 1978.

SANTOS, Jonise Nunes. **Educação Escolar Indígena no Município de Manaus (2005 – 2011)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

Agradecimentos:

O primeiro autor agradece à FAPEAM pelo incentivo de bolsa de mestrado acadêmico em educação (PPGE-UFAM). Os autores agradecem o apoio acadêmico da UFAM-PPGE, FAPEAM.

Recebido: 20/10/2024
Publicado: 1/1/2025



Autoria:

Hely Brasil do Nascimento

Mestrando UFAM-PPGE

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

<https://orcid.org/0009-0001-7044-1739>

E-mail: h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com

País: Brasil

Alcioni da Silva Monteiro

Doutoranda UFAM- PPGE

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

<https://orcid.org/0000-0001-8710-4520>

E-mail: alcionimonteiro@hotmail.com

País: Brasil

Leiciane da Silva Seabra

Mestranda UFAM-PPGE

Universidade Federal do Amazonas

E-mail: leicianeseabra.br@gmail.com

Pais: Brasil

Suely Mascarenhas

Profa. Dra. Docente UFAM atuando na graduação e pós graduação, orientadora

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

<https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

E-mail: suelyanm@ufam.edu.br

País: Brasil